

SEMANA RELIGIOSA

BRACARENSE

LITTERARIA E NOTICIOSA

Sexta feira 2 de Agosto de 1878

IV VOL. N.º 167.



ERRATA :

TYPOGRAPHIA LUSITANA

Rua Nova n.º 4

1878.

Tendo em consideração que o jornal intitulado *A Semana Religiosa Bracarense* é principalmente destinado a interessar o clero d'este Arcebisado no movimento ecclesiastico, que n'elle possa haver; e que por meio do mesmo jornal as Nossas Pastoraes, Provisões d'interesse geral e quaesquer outras medidas governativas, que Nos seja necessario tomar, podem chegar mais facilmente ao conhecimento tanto do clero como dos fieis, o que muito convém á disciplina ecclesiastica d'esta vastissima Archidiocese Primacial; Havemos por bem ordenar que os documentos publicados no mesmo jornal, e que forem por Nós assignados, sejam reputados como verdadeiros e authenticos, para todos os seus effeitos.

Residencia no Seminario de S. Pedro, 22 de maio de 1875.

João, Arcebispo Primaz.

A SEMANA RELIGIOSA BRACARENSE.

PARTE OFFICIAL

Ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça

DIRECÇÃO GERAL DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS

1.^a Repartição

Presbyteros apresentados pelo decreto de 27 de Julho ultimo.

O presbytero José Luiz Alvares de Sousa, parcho collado na egreja de S. Cypriano de Villa Nova da Cerveira — na egreja parochial de S. Cypriano de Pinheiros, da diocese de Braga.

O presbytero Francisco de Almeida Sampaio—precedendo concurso por provas publicas, na egreja parochial de Santa Maria Magdalena, de Aldeia da Ponte, no concelho do Sabugal, diocese de Pinhel.

O presbytero José Guilherme Ferreira—precedendo concurso por provas publicas, na egreja parochial de S. João Baptista de Gatão, no concelho de Amarante, diocese de Braga.

O presbytero Estevão Coelho Dias—na egreja parochial de S. João Evangelista de Guilhufe, no concelho de Penafiel, diocese do Porto.

O presbytero Manuel Pires de Almeida, parcho collado na egreja de Nossa Senhora da Conceição do Manigoto, diocese de Pinhel—na egreja parochial de S. Baptista da Granja, no concelho de Trancoso, da mesma diocese.

O presbytero Manuel Pires Gonçalves —na egreja parochial de S. Domingos de Malpica, no concelho e diocese de Castello Branco.

O presbytero Antonio Diniz Curado—na egreja parochial de Nossa Senhora da Graça de Montalvão, no concelho de Niza, diocese de Portalegre.

O presbytero Venceslau Gabriel Dias Gallas da Costa, parcho collado na egreja de Santa Marinha de Amares, diocese de Braga—na egreja parochial de Santa Maria do Prado, no concelho de Villa Verde, da mesma diocese.

E foram providos :

O presbytero Antonio de Almeida—na thesouraria parochial de S. Paulo, da cidade de Lisboa.

O presbytero Luiz Nunes Morão—na thesouraria parochial de Nossa Senhora da Lapa, da cidade de Lisboa.

O presbytero José Maria de Mello, thesoureiro da egreja de S. Jorge de Arroios, da cidade de Lisboa—na thesouraria da egreja parochial de Santa Engracia, da mesma cidade.

O clero e a imprensa.

II

Creemos ter mostrado, que o clero não ultrapassa a esphera de sua missão, obrigando a imprensa a servir a causa da verdade.

Cumpra-nos ver agora qual o genero de assumptos em que elle pôde entrar dignamente; porque enfim um sem numero de questiunculas, tão ridiculas na sua origem, como pequenas em seu objecto, tem feito rebaixar muito da sua grandesa o prodigioso invento que mais devia contribuir para a civilisação dos povos.

E o sacerdote não pôde macular a sua toga, atolando-se n'esse tremedal de miserias, que tanto envilecem uma das mais bellas instituições dos tempos modernos.

O clero tem diante de si um campo vastissimo a percorrer, e onde a sua intelligencia pôde exercitar-se com gloria e fructo, sem descer nunca a cobrir-se do pó que taes questões levantam.

E não se julgue, que, por assim pensarmos, seja nossa intenção querer reduzir a missão ecclesiastica a uma mera escola de puro mysticismo ou de alta metaphysica religiosa.

Se a religião é a sciencia das relações entre Deus e o homem, o universo, como ponto intermedio d'estas duas entidades, tambem exige uma parte das nossas atenções ao nosso estudo.

A Igreja é uma instituição puramente sobrenatural, em sua origem, como nos fins; mas está n'este mundo, tem a lucta com elle, sendo até cá na terra que ella é chamada a cumprir a sua missão.

Se tende a um fim eterno, é no tempo e só no tempo, que ha-de trabalhar por conseguil-o.

Composta de seres que não são puros espiritos, dotada de uma parte material, quem pôde impedir os seus ministros de se occuparem de todas as questões que mais ou menos lhe digam respeito?

A verdade eterna, que constitue o seu fim principal, embora faça o assumpto especial de uma sciencia, é commum a todas as sciencias, e tem a superintendencia em todos os ramos do saber humano.

Os homens não são anjos.

E se a sua patria ulterior é o céu, durante a peregrinação da sua vida temporal, estão sob a alçada da Igreja, que não pôde declinar de si o direito de encaminhar-lhes as acções em direitura e harmonia com o fim supremo, que por Nosso Senhor Jesus Christo lhe foi prescripto.

A natureza humana nem um momento deixa de estar subordinada á auctoridade divina.

Em todas as realidades da vida Deus ha-de ser o seu norte.

E seja qual for a carreira que tenha a percorrer sobre a terra, no momento em que desviar os olhos do céu, perde-se, e tem necessidade de ser reconduzida ao verdadeiro caminho.

A' Igreja incumbe este dever; e aos ministros que a servem, porisso que são os pastores por ella delegados para o seu cumprimento, pertence o realisar-o sempre e em todas as condições.

O *docete* do Evangelho é um preceito muito amplo na acção que elle impõe.

Não tem limites, não conhece balisas, porque é tão vasto, quanto é larga a orbita em que gira a intelligencia humana, e variada a sua actividade, em tudo quanto mais ou menos directamente se relacionar com o fim eterno do homem.

Eis ali pois uma area immensa, onde os escriptores ecclesiasticos podem esgrimir á vontade as armas do raciocinio.

A questão religiosa é o centro em volta do qual giram como satellites, todas as demais questões que se ventilam.

Póde o clero entrar affoitamente em qualquer d'ellas, que o terreno lhe não é defeso.

Deram o exemplo os padres da egreja, para os quaes não havia ramo algum da sciencia que lhes fosse prohibido, e que não cultivassem com esmero, todas as vezes que lhes reconhecessem tal ou qual utilidade para o fim a que se propunham, evangelizando os povos.

Porventura não foi um papa que reformou o calendario?

E a quem se deve a invenção do telescopio, que não fosse a um monge?

Santo Agostinho escrevendo a sua grande obra—*A Cidade de Deus*, deu á luz o tractado de philosophia, mais completo e acabado que até ao presente se tem visto

Mas para que são necessarias as citações?

Póde acaso estranhar alguém, que os que tem por dever apostolar e defender a verdade, peçam á sciencia profana conhecimentos que lhes aproveitem?

Se em tal caso a sua auctoridade diminue na rasão da liberdade das opiniões em que se apoiam, nem porisso o sacerdote será deslocado occupando-se de taes assumptos, nem a verdade comprometida com esta ordem de argumentos.

O clero não está pois reduzido a ensinar pura e simplesmente o cathecismo.

Se uma bem entendida prudencia, ou se o sentimento da propria dignidade o fazem desviar-se de certa ordem de questões, mesquinhas de mais para a devoção do seu ministerio, o bem da Egreja, quando não o seu proprio interesse os chama a outros assumptos, mais relacionados com a sua missão, do que á primeira vista parecem.

E esta necessidade augmenta ainda, se attendermos a que todos esses assumptos vcm diariamente tractados na imprensa, com aquella superficialidade que é tão caracteristica do seculo em que vivemos.

M. Marinho.

PRELADOS BRACARENSES

CXII

D. Rodrigo de Moura Telles, 112.^o arcebispo de Braga, pelos annos de 1704 até 1728,

Sendo } Sum. Pontif.—Clemente XI—Innocencio III—Bento XIII.
 } Reis de Port.—D. Pedro II.—D. João V.

Era D. Rodrigo, da casa de Val-de-Reis, filho dos condes Nuno de Mendonça e D. Luiz de Castro.

Nasceu a 26 de Janeiro de 1644. Collegial de S. Paulo em Coimbra, graduou-se em Canones, e de reitor da Universidade e bispo da Guarda passou a arcebispo de Braga.

Tomando posse do arcebispado por procuração a 5 de Junho de 1704, fez a sua entrada publica na cidade a 4 de Setembro seguinte, e a 22 de Dezembro do mesmo anno recebeu na cathedral o Pallio da mão de seu bispo coadjutor, D. Antonio Botado.

No seguinte anno de 1705 começou a visita pastoral do arcebispado, a qual fez pessoalmente, apesar dos maiores incommodos e difficuldades, empregando n'ella dous annos.

Poz todo o cuidado na reforma do clero e povo, na decencia e aceio dos templos, na boa administração da justiça, etc.

Reformou e fez imprimir o Breviario Bracarense, mas com grande infelicidade, porque, podendo ser uma obra de grande utilidade para a Egreja e clero, estragou-a pelos officios, nova e indevidamente introduzidos no mesmo Breviario com lendas, extrahidas de Flavio Dextro e outros que taes.

Foi d'estatura muito pequena; mas as muitas e notaveis obras, que fez na cidade e fóra d'ella, dão a conhecer, que o seu espirito era summamente grande.

Na sé reedificou a capella de S. Geraldo; e acabando-se o edificio em 1712, em 19 de Dezembro do mesmo anno celebrou a trasladação do corpo do Santo com a maiqr pompa e magestade possivel, mandando que no calendario se introduzisse no referido dia a festa da mesma trasladação.

Fez de novo as duas torres, da varanda para cima, augmentando-as com tres sinos; reformou os orgãos; fez quatro altares; estucou o corpo da sé, adornando a com azulejos, pinturas, etc.; pintou e dourou as cadeiras da capella mór e côro alto; fez a casa do cabido; deu para a fabrica, além de preciosas alfaias, um pontifical d'ouro, que lhe custou mais de 12\$000 cruzados.

No Paço fez a capella do Sacramento, e a parte da fronteira, a escada da entrada principal que tem as suas armas, e redificou a casa da Relação com sua ante-salla, e a casa para o seu provisor com o prospecto da galeria, e o rico chafariz no centro da mesma galeria.

Braga deve a este egregio prelado o grande movimento de transeuntes que hoje vão visitar o sanctuario do Bom Jesus do Monte, monumento sumptuoso que pela sua encantadora posição é uma das maravilhas de Portugal. Foi elle que lhe lançou os alicerces, substituindo á antiga ermida uma boa capella com torre, que cem annos mais tarde se demoliu para a continuação do novo escadorio, e edificação do magestoso templo. A torre erguia-se no sitio onde hoje se vê a estatua equestre de Louguinhos.

Restaurou e fez de novo tudo desde o portico até áquella egreja, e abriu caminho até á capella da Resurreição, pois se vêem as armas d'elle na fonte que fica proxima ao novo hotel. N'estas obras gastou quantia superior a trinta contos de reis, sendo tambem n'ellas auxiliada pela dedicação dos devotos, que gratuitamente se encarregaram da conducção de material, — o que equivale a dizer-se que hoje não seria possivel fazerem-se com 300.000\$000 reis.

Concorreu muito para a restauração ou reedificação da capella de Santa Maria Magdalena, no monte da Falperra, e é tradição seguida e constante que elle projectava realisar o plano de ligar este pitoresco local com o do Bom Jesus, — pensamento giganteo que ainda não teve quem o secundasse, passados já 150 annos, não obstante ser agora mais que nunca aceitavel por se achar a meio caminho o monumento da Immaculada Conceição no monte do Sameiro.

Outras importantissimas obras que fez na cidade e que teem as suas armas são : a capella de S. Sebastião, á qual deixou 10,000 reis annuaes para a fabrica, em padrões do juro real a seu sobrinho o conde de S. Thiago, hoje na casa de Palmella, e só pagos até 1817:—o recolhimento de Santa Maria Magdalena das Convertidas:—o convento das religiosas austeras da Penha de França, mettendo-lhe chafariz e agoa, e dando-lhe 1:600,000 reis para seu desempenho: reedificou a capella de Guadeluppe, e a velha arcada do largo da Lapa: concorreu poderosamente para a edificação do Hospital de S. Marcos, convento dos Remedios, templos de S. Vicente, Terceiros e Congregados: fez os aljubes de Braga, Torre de Moncorvo e Valença.

Reedificou o convento de Barcellos, Chaves e S. Bento de Vianna, e os templos de Santa Quiteria, Bom Jesus de Fão, e Senhora Aparecida.

Isto além das esmolas de avultadas quantias, que deu a conventos de religiosos e religiosas, e a outros logares pios não só da cidade, mas de todo o arcebispado.

Ultimamente morreu com grande edificação a 4 de Setembro de 1728, tendo de arcebispo perto de 24 annos.

Jáz sepultado na capella de S. Geraldo, que, como dissemos, reedificára, junto ao altar.

Os catholicos inertes.

Do excellente periodico *Il Paese*, que ha tres annos foi fundado em Perugia pelo Cardeal Joaquim Pecci, hoje LEÃO XIII, extrahimos o seguinte artigo, que parece escripto para uma grande parte dos nossos catholicos.

—E' quasi superfluo dizer que não pertencemos á Sociedade do *medo mutuo*, e muito menos á da *mutua adulação*.

Os nossos leitores sabem perfeitamente que nunca nos intimidaram os falsos amigos da liberdade, quando nos arremessaram os dardos ardentés do seu heroico patriotismo, nem os fizeram desanimar os timidos amigos da ordem, quando algumas vezes nos mostraram má cara pela franqueza com que nos julgamos no direito de perturbar por algum tempo os seus placidos somnos.

Quando um jornal não sabe senão fazer opposição aos seus adversarios politicos e religiosos, sem jámais dar-se ao cuidado de notar os defeitos dos proprios, e quando, para encobrir as miserias da familia, não faz mais do que zurzir as miserias dos outros; pode asseverar-se sem medo d'errar, que aquelle jornal não tem rasão d'existir, a não ser que viva da perigosa e ridicula mania de descarregar golpes de valentão e d'espadachim a quem quer que se lhe ponha defronte.

Mais d'uma vez com a liberdade que é propria do jornalista catholico temos stigmatisado a indolencia, para não dizer a preguiça de muitos, que ainda assim querem dizer-se zelosos da ordem religiosa e social: mais d'uma vez, até em occasiões criticas, não temos duvidado fazer ouvir a nossa humilde, mas franca voz áquelles senhores, que fascinados por uma especie de fatalismo mystico, pretendem dar provas da sua confiança em Deus, não movendo um dedo em defesa da sua santa lei, conculcada social e privadamente.

E eis-nos de novo no desagradavel assumpto.

Causa-nos intensissima dôr o ver como muitos e muitos catholicos, com bellissimas palavras na bocca, se deixam estar com as mãos n'al-gibeira. A sua marmorea inercia reputamol-a mil vezes mais prejudicial para a causa da ordem, do que a febril actividade dos nossos adversarios.

Parece incrível que depois de tantos annos de prova não se tenha ainda conhecido a necessidade de fazer alguma coisa, tanto na ordem individual e religiosa, como na do bem social! Não pode negar-se que existem muitissimos catholicos que cumprem fielmente os seus deveres individuaes, domesticos e religiosos; mas não sabemos com quanta verdade possa igualmente afirmar-se que satisfaçam seria e constantemente os seus deveres sociaes; a não ser pagar os impostos, no que gostam de distinguir entre os mesmos liberaes pela sua fidelidade e promptidão.

Muitos catholicos vivem hoje como eremitas no meio da sociedade, e fidelissimos á commoda maxima: «Governe quem pôde: obedeça quem deve», tem-se deixado cahir n'uma madorna, que não ha com que se compare.

Pouco lhes importa que entrem nos municipios *estes* ou *aquelles*, e todavia depende hoje dos municipios perverter as escolas obrigatórias, tanto para os filhos dos revolucionarios como para os dos catholicos. E já que, ou bem ou mal, é do numero que agora depende a causa publica, não deveria ter-se por mais do que opportuno que todos se unissem, ainda que não fosse senão para paralysar o numero com o numero?

Veem os estragos que diariamente propaga a imprensa liberticida, mentirosa, e calumniadora: são victimas elles mesmos, estes *pacificos* catholicos! e comtudo, com uma especie de resignação, que não se encontra em nenhum tractado de virtudes religiosas, deixam correr a enxurrada, esperando ingenuamente um *tempo melhor*, que a Providencia não quererá de certo conceder nunca aos ociosos, que se dizem amigos da ordem.

O auctor da revista catholica de Londres: *The Westminster Gazette* publicava no seu numero de onze de Maio um notavel artigo intitulado *Catholic Littleness*, que bem traduzido significa: «Desmazelo catholico».

Sem entrar em tudo aquillo que n'aquelle artigo se diz sobre o triste argumento, não podemos deixar de fazer conhecer aos nossos leitores o que n'elle se observa a respeito do *espirito publico* de certos catholicos.

«Os catholicos, escreve a citada revista, tem-se tornado indifferentes aos negocios publicos. Pouca ou nenhuma importancia hoje dão a

materias em que, annos antes, tomavam parte tão activa. Uma inercia, que toca a indifferença, parece que os tem tornado immoveis. Não fallamos d'alguns activos e zelosos, que os ha; mas referimo-nos á totalidade dos catholicos. Não queremos pôr em questão a sua particular piedade, ainda que nos pareça impossivel como o seu zelo real pela religião possa conciliar-se com tamanha indifferença nas coisas publicas...

«Não pensem tambem que julgamos os catholicos peores do que os outros: a nossa queixa é só porque elles não são o que deveriam ser. Esta apathia e indifferença religiosa vae desgraçadamente a acabar, e mais depressa e em maiores proporções do que se pensa, na incredulidade e no livre-pensamento.»

Queira Deus que estas graves palavras do jornalista inglez percam quanto antes a dureza da significação a respeito dos catholicos d'outros paizes, os quaes depois de terem sido contados tantas vezes nas columnas das estatisticas, seria tempo que se contassem no terreno da acção patria, catholica, e legal.

O que succedeu em França, escreve a *Unitá Catholica*, a respeito do Centenario de Voltaire, mostra por um lado o grande merecimento de Monsenhor Dupanloup, o qual impediu com os seus escriptos este sacrilegio; mas prova ao mesmo tempo que quando os catholicos se mostram francos e resolutos, promptos e mostrar-se deveras e a contrapor demonstração a demonstração, e coragem, os governos movem-se, tomam providencia, e não tem medo só dos revolucionarios. A rasão que o ministro de Marcére dá para prohibir a manifestação voltaireana, é que provocaria necessariamente uma manifestação no sentido contrario.

Aprendamos pois a mostrar que vivemos, e a manifestar-nos francamente quando é necessario, sem ultrapassar os limites da legalidade; e sejamos ao menos tão corajosos no bem, como os impios o são desgraçadamente no mal—.

Permittam os nossos leitores que adoptemos como nossoas estas palavras da optima folha de Perugia e a endereçemos áquelles portuguezes que se dizem *bons christãos, e verdadeiros catholicos*, mas que ignoram que está escripto: *militia est vita hominis super terram*.

Chronica das sciencias geographicas.

XI

As sociedades de Geographia.

E' para a geographia que continua a soprar o vento reinante. Em toda a parte se forma um grande numero de sociedades d'esta sciencia, que receiamos se destruam mutuamente, por uma concorrência mal entendida. Toda a sociedade se sustenta por meio de quotas, e quando as sociedades se multiplicam, o dinheiro é tão necessario á sciencia como a qualquer outra coisa. Ora o que d'aqui resulta é que cada uma d'ellas terá poucos membros e, por consequencia, pouco dinheiro. D'este modo não poderão fazer face ás suas despezas, e morrerão como crean-

ças recém-nascidas, depois de terem solto alguns vagidos, mal entendidos e apreciados pelo publico.

Duas ou tres sociedades de geographia, bastam, quando muito n'um paiz como a França. A Inglaterra tem apenas uma, porém essa, rica, poderosa, honrosa e honrada.

O movimento geographico produziu desde 1870 as sociedades de Lyão, de Bordens, Marselha, e Metz. Montpellier, a capital de Languedoc não quiz ficar atraz e acaba de fundar a *Sociedade languedociana de geographia*. N'esta foi eleito para primeiro presidente M. Germain, membro do instituto, deão da faculdade das lettras; vice-presidente, M. Paulo de Rouville, professor da faculdade de sciencias, e secretario, M. Nolen, professor da faculdade de lettras.

Dividiu-se em tres secções: a de physica, a de historia, a d'economia e d'estatistica. Acabamos egualmente de ter conhecimento da fundação d'uma sociedade de geographia na cidade de Bone, n'Algeria, e d'uma outra em Quebec, capital do Canadá.

Cada epocha tem a sua sciencia dominante, e os inimigos de Deus procuram estabelecer uma balista para abrirem brecha na Igreja e na Revelação. Ha annos era a geologia, agora, chegou a vez á geographia. Como a sua irmã, terminará por cantar as glorias do Senhor.

XII

S. Stefano. Constantinopla divide-se em duas cidades, separadas uma da outra pela *Corne d'Or*. A cidade santa ou Sтамбул estende-se sobre a margem meridional d'esta bahia, na planicie beijada pelo mar de Marmara. Termina ao norueste, em face de Scutari pela ponte do Serralho, e ao sul pelo bairro armenio de *Psammathia*. A 5:033 metros d'este bairro eleva-se á beira-mar *Edi-Koula*, o castello das sete torres, que defende ao sudueste a entrada do porto de Constantinopla.

Ao pé estão a aldeia do mesmo nome e a de Kilissi-Keui, *aldeia da Igreja*. E' a cinco kilometros e trinta e cinco metros do castello que encontramos, á beira-mar, a aldeia de S. Stefano, celebre para sempre pelo famoso tratado que acaba de fazer soar os sinos funebres do Imperio Ottomano da Europa.

S. Stefano nada tem de notavel, a não ser o bello panorama que se descobre da sua praia.

Em face sobre a superficie azulada ou rosada, conforme o tempo, do mar de Marmara, avistam-se as *Ilhas d's Principes*, e por traz do golfo de Brousse, que se interna na Asia Menor, até ao pé do Olympo, cujas cristas se recortam no horisonte. S. Stefano é a primeira estação do caminho de ferro d'Andrinopla. A alguma distancia, sobre a praia, encontra-se a pequena aldeia de Makri-Keui.

A bahia de Moudania. Em frente de Santo Stefano, a 35 kilometros ao sudueste de Constantinopla, se abre a pequena bahia de Moudania, onde veio fazer aguada a frota ingleza, alguns dias antes da assignatura do famoso tratado que tanto perturbou o somno de John Bull. Os maritimos inglezes quasi que dos seus navios podiam ver as idas e vindas a que esse tratado deu lugar, e gosar do espectaculo das

festas celebradas com a sua conclusão. Que vergonha! Já lhes não resta nenhum ultrage a devorar! John Bull enguliu os todos com uma paciência, uma humildade, uma resignação, e até com uma longanimidade, que seriam meritorias se não fossem o perfeitissimo signal da mais absoluta impotencia.

A Russia é agora senhora de todos os caminhos da India! E os treze couraçados d'Inglaterra estão ancorados em face de duzentos ou trezentos mil russos que acampam sobre a costa da Europa.

A bahia de Moudania tem 20 kilometros d'extensão d'este a oeste e 6 de norte a sul.

E' um mau abrigo varrido pelos ventos do norte e oeste, que tornam, muitas vezes, o mar furioso. E' tambem um mau ancoradouro. Apresenta baixos de 40 a 60 metros não longe da costa. Ao norte é defendida por um promontorio de 900 metros d'altura, junto ao qual a passagem é perigosa.

Sobre a costa meridional, ao pé do monte Olympo estende-se a aldeia de Moudania, a 15 kilometros da cidade de Brousse de que ella é o porto. Compõe-se a sua população de gregos e turcos habitando cerca de mil casas. As collinas que se elevam na sua rectaguarda são as primeiras ondulações do Olympo, e muito pouco cultivadas.

Em face de Moudania sobre a costa septentrional da bahia avista-se a pequena aldeia de Gumelek. outr'ora *Gemlik*, que assenta á entrada d'um pequeno valle coberto de vinhas e campos de trigo.

Tem 900 casas, e a sua população compõe-se dos mesmos elementos que Moudania.

As embarcações podem facilmente aguar, e sem receio, em frente de Gumelek.

E' nos seus arrabaldes que começam as immensas florestas de carvalhos que cobrem uma parte da Bythinia. Foi por isso que o governo turco teve o projecto de estabelecer alli estaleiros para a sua marinha de guerra, projecto que não levou a effeito.

A Inglaterra, potencia maritima de primeira ordem, teria por acaso em vista essas florestas, indo collocar o seu quartel general maritimo na bahia de Mondania? Somos levados a crer que sim. Ella encontrará alli provavelmente recompensas uteis para os seus estaleiros.

(Continua).

NOTICIAS E FACTOS DIVERSOS

A sagrada Imagem de N. Senhora da Conceição, que vae ser collocada na capella a construir-se no monte Sameiro, chegou ha dias ao Porto, no vapor do Havre, *Constantin*.

Esta Imagem foi feita em Roma, e alli benzida pelo Santo Padre Pio IX, de santa memoria. Mede dois metros, e com o globo e plintho mais de onze palmos. Está em attitude de abençoar, como a do Monumento.

Pessoas competentes, entre as quaes alguns artistas do Porto, que a viram quando se abriu o caixão para a verificação na alfandega, asseveram ser ella d'uma perfeição admiravel, sendo na verdade surprehendedentes o rosto e cabeça dos serafins.

Na proxima quarta feira, 7 do corrente, deverá chegar a esta cidade, sendo conduzida procissionalmente para a igreja do Populo, aonde no dia seguinte será exposta á veneração dos fieis, havendo pela manhã missa solemne, exposição do SS. todo o dia, e *Te-Deum* de tarde.

Nos dias 22, 23 e 24 do corrente, haverá na referida igreja preces e orações, e na manhã de 25 será conduzida em devoto peregrinação para o templo do Bom Jesus, aonde se conservará até que possa ser recolhida na sua capella em construção no monte Sameiro.

Por motivos especiaes, não teem logar na presente occasião as festas que estavam planeadas. Todos os meios são agora empregados na conclusão da capella, cujos trabalhos estão sendo muito activados, especialmente os da capella-mór, onde esta Senhora será collocada.

—*—

No dia 13 de Julho, de madrugada, falleceu em Lisboa o revd.^o Raymundo dos Anjos Beirão, missionario e religioso da seraphica Ordem de S. Francisco.

Era um sacerdote austero e zelosissimo. Empregou toda a sua vida nos trabalhos apostolicos. A' sua iniciativa se deve a fundação das *Irmãs Hospitaleiras dos pobres pelo amor de Deus*,—benemerita instituição que já conta um crescido numero de casas, e funciona em cidades, villas e aldeias. O numero das Irmãs excede a 200.

Ao seu enterro assistiu um grande concurso de povo, entre o qual se via o Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Snr. Nuncio Apostolico, Auditor da Nunciatura, delegados dos Prelados de Lisboa, a maior parte dos parochos e clero d'aquella capital, etc.

As muitas virtudes do padre Beirão hão de perpetuar a sua memoria entre os homens, como, cremol-o, lhe terão aberto as portas da Bemaventurança. O Senhor lhe dê o descanso eterno.

—*—

Nova igreja em Aleppo.—Depois de 14 annos de trabalho abriu-se finalmente a nova igreja que os frades franciscanos com tanto zelo e dedicação fizeram construir em Aleppo, na Syria.

Ainda que a igreja não está de todo terminada, o Vigario Apostolico d'Aleppo, Monsenhor Luiz Piavi, Arcebispo de Sienia, da Ordem dos Menores Observantes de S. Francisco, julgou-a muito mais propria do que a antiga para a celebração dos divinos mysterios, e no dia 8 de Junho, Vigilia da festa do Divino Espirito Santo, consagrou o altar mór, dedicando-o ao seraphico Patriarcha d'Assis. A cerimonia foi feita em particular, mas comtudo foi grande a quantidade de pessoas que quiz assistir.

Na manhã do seguinte dia (Domingo de Pentecostes) o Vigario Apostolico precedido da Cruz, e acompanhado pelos religiosos e pelos meninos que estão debaixo dos cuidados dos mesmos em Aleppo, dirigiu-se á nova igreja, fóra da qual o esperava uma grande quantidade de povo. Logo que se abriram as portas da igreja á chegada do Prelado, a multidão invadiu com tal impeto o templo, que para evitar perigos e para poder abrir caminho ao Vigario Apostolico teve de apresentar-se o Governador da cidade, o qual, acompanhado pelo Consul de França, prestou admiraveis serviços pondo ás disposições do Vigario Apostolico e do Consul francez uma força consideravel de soldados turcos.

O Vigario Apostolico assistido pelos religiosos e pelos meninos vestidos de cota, celebrou o Santo Sacrificio no altar-mór.

Assistiam á sagrada funcção o Bispo Maronita, o Bispo Armenio catholico, e os Consules de Portugal, França, Hespanha e Estados- Unidos da America.

Terminada a missa o Vigario Apostolico administrou o sacramento da confirmação a mais de cincoenta meninos d'ambos os sexos.

—*—

A igreja dos padres capuchinhos da rua de Saude, em Paris, estava cheia de fieis, desde as nove horas da manhã. Uma elegante eça, levantava-se no meio da nave. Era alli que estavam depositados os restos do confessor da fé, D. Vital Maria Gonçalves d'Oliveira, bispo d'Olinda. Muitas corôas mui ricas e muitos ramos de flores naturaes, d'um gosto exquisito, adornavam a eça. A corôa que melhor se via, tinha esta inscripção: *Ao defensor dos direitos da Igreja.*

A mitra e o baculo figuravam como insignias da dignidade do defunto.

Logo que S. Eminencia o cardeal arcebispo de Paris chegou, principiou o officio. A missa foi dita por Mgr. Ordonez, bispo de Riobamba, Equador, outro confessor da fé! Os capuchinhos cantaram a missa de *Requiem.*

No fim da missa, Mgr. de Ségur tomou a palavra; tomando por texto do seu discurso estas palavras do Salvador: *Bemaventurados aquelles que soffrem perseguição por causa da justiça*, elle retraçou, em algumas palavras eloquentes e commovejoras, a curta carreira tão perfeita do bispo d'Olinda.

Aproveitando a moralidade que sobressahia da causa, Mgr. de Ségur insiste sobre o dever do christão qualquer que seja o seu estado, de viver em Jesus Christo, de trabalhar por elle, de soffrer por sua causa, e de morrer, se for necessario, pela sua defesa.

Viu-se muitas pessoas banhadas em lagrimas, quando o eloquente prelado contou as perseguições do bispo d'Olinda, o joven bispo consagrado aos 27 annos, que teve de soffrer da parte do governo perseguidor.

O orador, depois de ter retratado as differentes phases de perseguições pelas quaes a Igreja passou: o judaismo, o cesarismo, a invasão dos barbaros, as heresias, o protestantismo, a franc-maçõneria, insiste sobre os trabalhos e o poder das associações anti-christãs. Mas nós não pretendemos dar uma conta exacta d'esta commovente improvisão.

Ao officio assistiram: o encarregado de negocios do Brasil, o cavalheiro Araujo, o consul e o vice-consul brasileiros, o melhor da colonia brasileira, onde se achavam muitas senhoras, o abbade Esberard, compatriota e amigo do defunto e camarista particular de Sua Santidade; M. Jabim, fundador da sociedade de S. Vicente de Paulo no Rio de Janeiro, e deputações de diversas ordens, e congregações.

As absolvições foram dadas pelos prelados presentes, na ordem seguinte: Mgr. Ordonez, S. Eminencia o senhor nuncio apostolico; Mgr. Bécél, bispo de Vannes; Mgr. Dubui, bispo de Galvestone (Texas) e S. Eminencia o cardeal Guibert, arcebispo de Paris.

Terminado o officio, o corpo foi transportado para o convento dos capuchinhos de Versalhes.

Que o santo bispo, cuja alma temos fé está na presença de Deus, peça a Nosso Senhor pela Igreja, que tão perseguida está sendo pelo poder das trevas.

—*—

O Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Senhor Arcebispo de Tarso, Nuncio Apostolico em Lisboa, acaba de remetter ao redactor da *Familia* os seguintes documentos :

«A's varias Ordens Terceiras Irmandades e Associações religiosas, e aos fidelissimos catholicos portuguezes, que se dirigiram ao Santissimo Padre Leão XIII, digno successor do sempre chorado Pio IX, congratulando-se com Sua Santidade por occasião de ser elevado providencialmente ao throno Pontificio, participo com summo prazer, que pelo Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Snr. Cardeal Franchi, secretario d'Estado, em data de 24 de Junho proximo passado, me foi enviado um despacho (n.º 29,933), agora mesmo recebido, no qual, por ordem do Summo Pontifice sou incumbido, não só de a todos agradecer eu mesmo as demonstrações de affecto, respeito e submissão á indefectivel Cadeira de S. Pedro e á veneranda pessoa do Supremo Chefe da Igreja, felizmente reinante, de que mais uma vez deram prova nas felicitações, que lhe dirigiram; mas tambem de publicar o dito despacho, no qual este Pae amoroso, lastimando não poder dirigir-se a cada um de persi, como ardentemente desejava, exuberantemente manifesta o contentamento, gratidão e paternal affecto, de que está possuido ao lançar-lhes do fundo do coração a Sua benção Apostolica.

Lisboa.—Nunciatura Apostolica, 25 de Julho de 1878.

D. ARCEBISPO DE TARSO, Nuncio apostolico.

Despacho n.º 29,933, dirigido ao Exc.^{mo} Revd.^o Snr. Nuncio.

«Passados apenas poucos dias depois da exaltação do Summo Pontifice Leão XIII, Nosso Senhor, á Cadeira de S. Pedro, começou a receber Sua Santidade um numero extraordinario de exposições gratulatorias, e respeitossimas cartas não só da Italia, mas tambem de quasi todas as dioceses e regiões do Universo : de Prelados da Igreja, cabidos metropolitanos, e de cathedraes, institutos religiosos de toda a especie, associações de caridade e de beneficencia, corporações litterarias e scientificas, personagens illustres, tanto do clero, como dos leigos, todos rivalisaram em dirigir, ou por via telegraphica, ou por via ordinaria, as mais sinceras felicitações, unidas aos mais commoventes protestos de filial e profundissimo obsequio para com o novo Pontifice. N'estas congratulatorias exposições que bastantemente revelaram o espirito de unidade e de concordia, existente na Igreja de Deus, o sentimento de dôr pela penosa condição do Pae Commum dos fieis era entrelaçado ás manifestações de votos e de esperanças, corroboradas bastantes vezes por generosas e pias offertas a alliviar a penuria e as angustias, em que se encontra desde alguns annos a Sé Apostolica.

V. S. Illustrissima e Reverendissima pôde bem comprehender, que impressão produziriam taes demonstrações de affecto no coração do San-

to Padre, o Qual, confortado desde os primeiros instantes da sua elevação ao throno Pontificio por uma espontanea, e ao mesmo tempo imponente manifestação, que recebeu do seu dilectissimo povo de Roma, viu reproduzir-se de modo extraordinario e maravilhoso, e como por encanto de dia em dia desenvolver-se aquelle sentimento universal de respeito e de amor, que havia acompanhado até ao tumulto o chorado Pontifice Pio IX de gloriosa memoria, e que sempre causou a admiração não só do povo christão, mas até dos proprios inimigos da Egreja e do Romano Pontificado.

Reconhecido o Supremo Jerarcha a tantas e tão luminosas provas de amor e de devoção do seu amantissimo Rebanho, desejaria ardentemente corresponder a esta homénagem com palavras de gratidão e de paternal affecto, dirigidas a cada um dos signatarios das cartas e congratulações que lhe foram enviadas. Mas o seu excessivo numero e as gravissimas occupações, que são naturalmente inseparaveis dos começos de um Pontificado, sobre tudo no meio das difficuldades e embaraços, cada dia mais frequentes e penosos, tornavam quasi impossivel pôr em pratica tão generoso pensamento com aquella promptidão, que a devoção dos filhos esperava com impaciencia da bondade do amorosissimo Pae.

Sua Santidade por tanto, na impossibilidade em que se ha encontrado, e ainda se encontra, de satisfazer directa e pessoalmente a este seu paternal desejo, o que lhe teria sido gratissimo, quer que, ao menos indirectamente, tenha sua execução.

Ordenou-me por consequinte, que me dirigisse a V. S. Illustradissima e Reverendissima, convidando-o a valer-se d'aquelles meios, que lhe possam parecer mais opportunos, afim de que se tornem manifestos os sentimentos de viva complacencia, despertados em seu animo pelas obsequiosissimas demonstrações recebidas, tanto collectiva como individualmente, seja de pessoas ecclesiasticas, ou de fieis seculares de Portugal; e se torne tambem manifesto o paternal reconhecimento a que todos elles adquiriram direito com as felicitações e bons presagios, expressos na sobredita occasião.

Confia o Santo Padre, que a Fé e a piedade dos seus filhos encontrará n'esta manifestação do seu amor todo o conforto e consolação, que esperavam, e muito mais a encontrarão na benção amplissima, que do intimo de seu coração envia a cada um em particular, e a todas as dioceses a que pertencem, pedindo a Deus que uma tal benção apres-se o fim das tribulações da Egreja, e corrobore as preces e os votos, que os filhos amorosos fizeram pela liberdade e tranquillidade do seu Pae e Pastor.

Cumpridas d'este modo as ordens do Santo Padre, nada mais me resta senão confirmar-lhe os sentimentos da minha particular estima.

Roma, 24 de Junho de 1878.

Assignado:—A. CARD. FRANCHI.

—*—

Em menos de quatro mezes, desde 27 de Fevereiro a 30 de Maio, onze irmãs da caridade morreram tratando dos doentes nos hospitaes pestilenciaes de Constantinopla.

Os *Annaes da Congregação da Missão* publicam os nomes d'estas martyres, com seus estados de serviços. São as seguintes:

A irmã Guilhemand, 27 de Fevereiro, 43 annos de vocação.

A irmã Eynaud, 1.º de Março, 18 annos de vocação.

A irmã Fabre, 17 de Março, 22 annos de vocação.

A irmã Durand, 23 de Março, 43 annos de vocação.

A irmã Lanti, 26 de Março, 29 annos de vocação.

A irmã Mayard, 2 d'Abril, 23 annos de vocação.

A irmã Berteli, 9 d'Abril, 11 annos de vocação.

A irmã Leon, 13 d'Abril, 28 annos de vocação.

A irmã Poissemux, 19 d'Abril, 28 annos de vocação.

A irmã Deschuytencer, 19 de Maio.

A irmã Vazeille, 30 de maio, 22 annos de vocação.

O martyrio d'estas irmãs é talvez o quinhão que toca á França da historia da França no Oriente. Estas irmãs morreram victimas da caridade, fieis á honra do Christo e á honra do seu paiz.

—*—

Victoria Larmenier, nascida n'uma pequena villa da Bretanha, d'uma antiga familia desde ha muito tempo estabelecida em Rennes, acaba de morrer; era uma d'estas almas religiosas cuja fé dedicada se manifestava por obras de misericordia.

A irmã S. Basilio, cuja morte na idade de cincoenta annos será profundamente sentida e chorada por muitos que a conheciam e consideravam com um affecto filial,—veio para Inglaterra em 1830, encarregada da missão de fundar uma casa para os pobres velhos e doentes, e para os meninos abandonados e incuraveis.

A clareza do seu juizo, sua firmeza e a nobresa de seu espirito, unidos a uma fé firme na divina Providencia, a ajudaram a vencer grande numero de difficuldades. Ella chegou a estabelecer a instituição conhecida sob o nome de Nazareth House (casa de Narareth), em Hamersmith, sobre bases por tal modo solidas que os beneficios tem se espalhado até Aberdeen (Escossia), e d'alli successivamente para Cardiff, Oxford, Southend, Northampton, Belfast, e Nottingham; nas quaes cidades outras casas, sob a direcção da casa mãe, foram abertas aos doentes e afflictos,

—*—

Os catholicos de Roma deram nos dias 29 e 30 de Junho uma lição solemmissima aos profanadores da Cidade Santa. N'estes dois dias consagrados á memoria dos santos fundadores de Roma, o parlamento e todas as repartições estiveram abertas, e nas obras publicas do governo e do municipio trabalhou-se como n'outro dia qualquer da semana. Mas os fieis romanos responderam a estes impios insolentes com uma imponentissima demonstração religiosa. Desde as primeiras horas da manhã do sabbado 29 uma immensa multidão visitou o sepulcro do Principe dos Apostolos, mas principalmente de tarde foi tal o concurso á Basilica Vaticana, que o transito era difficil nas ruas adjacentes. Pode dizer-se que desde ha muitos annos não se tinha visto uma tal affluencia de povo a S. Pedro, e os mesmos jornaes liberaes não poderam deixar de confessar que toda a cidade de Roma se transportou ao Vaticano.